

**Apresentação da Tertúlia**  
**Matriarcas do MST do Ceará**  
**com Paula Godinho**  
**11-01-2023**

O projeto Memória e Feminismos desenvolvido pela UMAR e com o apoio da Pequena Subvenção da CIG, começou em 2012, com recolha de histórias de vida de mulheres de várias regiões do país e das regiões autónomas. Nos últimos anos dedicou o seu trabalho às múltiplas discriminações a que muitas mulheres estão sujeitas. Neste contexto uma das discriminações equacionadas para este projeto foi o idadismo (discriminação de um grupo etário). Porém, no desenrolar dos projetos e dado a premência das muitas opressões a necessitar de serem faladas, o idadismo ficou não esquecido, mas sempre com a ideia de uma próxima oportunidade.

Segundo *Lynne Segal e Irene Pimentel*, as feministas esqueceram-se do envelhecimento das mulheres, bem como delas próprias, que iriam envelhecer, em virtude das muitas lutas em que se encontram empenhadas, consideradas prioritárias. Julgo que este é um ponto a reter!

Entretanto, no decurso do projeto “Histórias e memórias de mulheres de Cabo Verde”, devido à pandemia assistimos ao 1ª confinamento. No qual nos era permitido um tempo para caminhadas. Assim, numa destas caminhadas com o meu companheiro, ao atravessar uma rua sou abordada por um condutor que grita “Oh velha vai para casa”!

Fui confrontada com a minha idade e com este estereótipo, ao qual se associa o estereótipo de género. O homem pode continuar na rua, pois é detentor do espaço público, à mulher está-lhe destinada a casa. Estamos, pois, em presença de duas estereotípias que se interligam. Outro ponto a ressaltar!

O projeto “A idade e o género: até onde vai o preconceito”, começou nesse momento a germinar. Em 2021 e, através do referido projeto, abrimos espaço à reflexão sobre o idadismo e o género, através de tertúlias temáticas e da

publicação da agenda feminista para o ano 2022, onde apresentamos 12 mulheres de diferentes regiões do país, diferentes condições sociais e profissionais e que apesar de terem mais de 65 anos, continuam a ter uma enorme força de vida e a serem uma voz presente na comunidade.

Parafrazeando *Doris Lessing* “O teu corpo modifica-se, mas tu não mudas nada”, pois desde cedo começamos a construímo-nos como ser. Ao longo dos anos acumulamos experiências e conhecimentos e desejos que se não esbatem com a idade. Apesar do corpo começar a dar sinais de fragilidade, das rugas assolarem ao rosto, dos cabelos brancos a despontar, continuamos a viver e a sentir emoções e desejos.

Na inexorável passagem do tempo muitas mulheres continuam a trabalhar e a desenvolver os seus projetos de vida, que ainda não terminaram.

É neste contexto que aparece uma segunda fase deste trabalho, com o projeto “o envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional”, sobre o preconceito da idade, que atinge sobretudo mulheres mais velhas. Este preconceito que se vem instalando há largos anos, evidência as características da sociedade atual, onde sobressaem valores como o individualismo e o hedonismo, em contraponto a valores como a solidariedade e a intergeracionalidade. Em “o envelhecimento e Género numa perspetiva interseccional” procuramos aprofundar o que significa envelhecer para mulheres de diversas classes sociais, origens étnico-raciais, orientação e identidade sexual diferentes.

Nos feminismos de segunda vaga existia pouca reflexão sobre o envelhecimento. À imagem do slogan *Black is Beautiful* também começou a surgir este outro: *Ageing is Admirable!*. A este respeito, Lynne Segal afirma: “esta retórica pode ser útil, mas é necessário afirmar que todo o tipo de isolamento é cruel, em especial, se alguém é discriminado pela sua etnicidade, sexualidade, género ou idade”. Assim, neste projeto, estamos a ouvir algumas mulheres mais velhas e a sua reflexão sobre as discriminações que são alvo, bem como dos possíveis caminhos para a erradicação do idadismo.

Encontramo-nos ainda a promover algumas tertúlias sobre este tema. É o caso da tertúlia de hoje, completamente em contraciclo com as sociedades

ocidentais patriarcais e sobretudo digitais, onde a memória e o conhecimento adquirido ao longo dos anos são desvalorizados, recaindo sobretudo sobre as mulheres, cuja a experiência e os saberes acumulados ao longo de gerações, são considerados descartáveis.

Queria, pois, agradecer muito a presença da Dra Paula Godinho, nesta tertúlia, com a sua dissertação “As Matriarcas do MST do Ceará”.

Agradeço ainda, a Maria Dovigo que tornou possível este encontro especial. Um abraço a todas e a todos que aqui estão presentes.

Teresa Sales

(coordenadora do projeto)

### **Intervenção de Paula Godinho**

Vimos há três dias imagens que nos assustaram muito no Brasil e, às vezes, quando olhamos para a realidade no momento em que ela está a acontecer, ficamos tão assustadas com ela, que parecemos perder-nos de algo, que é o sentido que a história dá às coisas. Se formos num barco e se ficarmos a olhar para a espuma das ondas à frente, é certo que enjoamos. Nós não nos podemos perder da linha do horizonte, temos de ir sempre à procura do que há por vir.

O que vos trago hoje, é resultado de um trabalho de campo, feito com mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará, que iniciei em 2017, e concretizei de uma maneira mais lata em 2019. A pandemia impediu-me de a apresentar, como estava previsto, com este livro que saiu no Brasil, mas não estou aqui para promover o livro.

Estou aqui para promover as mulheres sem terra, para falar delas e da esperança que elas têm para nos ensinar. O livro não pôde ser apresentado, teve apresentações online e no verão passado voltei a fazer trabalho de campo. O primeiro trabalho de campo tinha sido com as matriarcas do Movimento Sem Terra de doze assentamentos no Ceará, usando os métodos do trabalho de campo – as antropólogas vão para os sítios, ficam lá, vão com as pessoas para o campo, vão com elas às festas, vão a funerais, vivem com as pessoas – e recolhem as histórias de vida. Este trabalho só é possível devido a duas queridas amigas, a Adelaide Gonçalves e a Lurdes Vicente, uma Sem Terra, outra militante do MST e professora universitária. Foram elas que, à distância, a partir de 2017, compuseram as coisas para decidir para que assentamentos podia ir.

### **“Tempo de esperar”**

Dividi em algumas partes o que vos trago e vamos começar por falar deste “tempo de esperar”. Este verbo “esperar” tem a ver com uma expressão do Paulo Freire, que converte a esperança num verbo, ou seja, a esperança

que requer ação. “Esperançar”, é disso que vos venho falar. Venho falar-vos de mulheres que não quiseram caber onde as queriam pôr e que ousaram ir ganhar uma vida para si e para os seus, à medida das suas necessidades e dos seus sonhos; mulheres que foram combater contra o esbulho longo, o esbulho da terra, que é um esbulho com mais de quinhentos anos, que vem com o domínio colonial e a apropriação privada da terra.

Trago-vos relatos delas, que estão entre a experiência das mulheres e a expectativa: como é que elas delinearam o futuro a partir da sua experiência, tendo as expectativas que vieram a concretizar. Elas delinearam existências que não se ativeram às correntes do latifúndio e é, talvez, importante começar por dizer-vos isso: são sempre as mulheres que vão à frente cortar as correntes do latifúndio. É nas mãos delas que vão os instrumentos para cortar as correntes, o arame farpado, entrarem pela terra e dizerem “Terra livre!”, e é assim que se entra pelo latifúndio. Foram elas, então, que não se ativeram a esses limites e a essas correntes e abriram os trilhos da reforma agrária no Brasil. Trago-vos, então, as histórias de dezasseis mulheres de vários assentamentos do Ceará, do Sertão mais profundo do Ceará, do sul, do litoral e de uma comuna urbana da cidade de Fortaleza. Trabalhei com mulheres, trabalhei as histórias de vida de mulheres que participaram nas ocupações das terras, nos acampamentos prévios às ocupações e que vivem hoje em assentamentos ou em comunas urbanas.

### **Criação do MST – contexto histórico**

Agora vou-vos falar do enquadramento, já que não sabemos grande coisa acerca das razões para as suas ações. O nordeste brasileiro, onde fica o Ceará, sempre teve uma história pautada por secas, que nos ajudam a perceber movimentos de população que vêm do Sertão até ao litoral, onde ficavam em campos de concentração. Os bairros populares de Fortaleza são zonas correspondentes a antigos campos de concentração dos retirantes, daqueles que vinham a fugir das secas. Estamos numa zona em que a seca é recorrente e esses retirantes ficavam nas margens das cidades em condições degradantes. Estas pessoas desta zona do nordeste foram longamente sujeitas a trabalho obrigatório sem pagamento no campo, a despejos sem indemnização quando os proprietários de terra entendiam, aos aumentos do foro que pagavam e à violência crescente. Os pistoleiros eram enviados pelos proprietários das terras contra, por exemplo, as pessoas que no final de uma safra eram mandadas embora e não tinham para onde ir, que eram expulsas.

O clamor pela reforma agrária começou cedo e alentou as ligas camponesas, que se disseminaram por uma parte significativa do nordeste do Brasil a partir da década de 50. Após o golpe de 64, as ligas camponesas foram perseguidas e os líderes que não se exilaram, foram torturados e mortos. Recomendo-vos imenso o filme do realizador Eduardo Coutinho, “Cabra marcado para morrer”, sobre estas perseguições e mortes aos membros das ligas camponesas. Ainda que fossem eliminados os dirigentes das ligas camponesas, as razões para os conflitos não desapareciam, especialmente tendo em conta o surgimento dos modelos desenvolvimentistas capitalistas da década de 60 e, sobretudo, dos anos 70.

Nos meios rurais do Brasil, especificamente no nordeste, foram desencadeados movimentos populares rurais, com grande força. Nos campos, cresceram as disparidades, no âmbito dessa agricultura capitalista, com a mercantilização das atividades, que aumentaram a diferenciação social e a especialização. As comunidades eclesiais de base juntaram populações de Sem Terra desde os anos 70, que viriam a ser fundamentais ao integrar o organismo da Igreja Católica, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), num processo que se insere na teologia da libertação. A teologia da libertação atraía estas populações mais pobres do Brasil e punha-se do lado delas. Nos casos da ditadura portuguesa e espanhola, vimos sempre a Igreja ao lado dos grupos sociais dominantes e quase nos custa a crer este papel que a igreja da teologia da libertação tinha no Brasil, ao lado dos mais frágeis. Essa Igreja teve um papel fundamental no aparecimento do Movimento Sem Terra (MST).

O Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra surge em 1984, no Rio Grande do Sul, movimento este que propugna a reforma agrária, o socialismo e com uma ligação forte à Igreja da teologia da libertação. O MST expandiu-se pelo Brasil num contexto em que reunia as reivindicações de pequenos camponeses, de pessoas sem terra, de mulheres, de agricultores ameaçados pelas barragens hidroelétricas, tendo um papel fundamental na reivindicação do acesso a um conjunto de políticas setoriais do estado. Vão-se juntar ao movimento pessoas expulsas até às periferias das cidades, que procuram teto e terra. Juntam-se também indígenas e quilombolas, cujas terras estavam sob ameaça.

Nos anos do governo de Collor de Mello, em 91-92, o MST resistiu à perseguição que começou a ser feita, fazendo longas marchas. É impressionante e épico pensar que estes camponeses sem terra fizeram seis mil quilómetros a pé até Brasília, mas não ocuparam os três poderes. Aliás, se alguma vez os Sem Terra ousassem aproximar-se da praça dos três poderes, eram chacinados. Este governo significou anos tenebrosos para os Sem Terra e eles vão resistir com longas marchas, marchas essas com um épico imenso. É fácil imaginarmos o que são milhares de pessoas, que se vão juntando pelas estradas do Brasil, a caminho de Brasília, durante semanas, meses, dependendo da distância que tinham de fazer a pé, a exigirem políticas em torno da terra.

Conjunturas como a presidência neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, todavia, não foram tão nocivas para os Sem Terra, começando a ocupar mais terras, apesar de terem continuado a ser chacinados em vários massacres. É com os governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff que se vão consolidar mais algumas das ocupações de terras. Quando Jair Bolsonaro chega ao poder, a palavra “terrorista” começa a ser colada aos Sem Terra. Há uma tese feita na universidade de Coimbra sobre a maneira como os meios de comunicação social trataram o MST, criminalizando-o sempre, apelidando-os sempre “terroristas”. Foram anos tremendos para o MST, que integra a via camponesa, que federa internacionalmente associações e movimentos de camponeses de todo o mundo, desde os anos 90, por uma agricultura que permita a soberania alimentaria sem utilização de agrotóxicos.

Este movimento enquadrou as populações mais pobres do Brasil, política e economicamente excluídos e aparentemente condenados para sempre ao

fracasso. Essas pessoas reivindicaram o direito a mobilizar-se e a organizar-se e a consigna foi “a terra para quem ela trabalha”. O MST, nesta luta, passou por vários episódios de enfrentamento, com agentes do estado e com pistoleiros a soldo dos proprietários. É importante lembrar os massacres de Corumbiara, em Rondônia, em agosto de 1995, em que dez trabalhadores rurais foram mortos pela polícia, assim como o massacre de Eldorado do Carajás, no sul do Pará, em abril de 1996, com dezanove assassinados pela polícia. Internamente, o MST enfrenta inimigos poderosos devido à aliança das classes dominantes do Brasil. Fala-se dos três “B’s”: da bancada direitista do congresso que é “boi, bíblia e bala”, designação feita pela deputada Erika Kokay, que são os “B’s” do capital agrário, do capital industrial, comercial e bancário, com todo o conservadorismo ideológico e o acentuar da repressão. Também a nível externo, o MST enfrenta oposição, do grande capital, das agências internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, porque estas entidades ficam inquietas com a ideia de reforma agrária, com o combate ao agronegócio, ao uso dos agrotóxicos, à eucaliptização intensiva, à defesa da soberania alimentar e da agroecologia.

Este foi um contexto geral para melhor compreensão do trabalho.

### **Posição e métodos antropológicos**

Este trabalho é o resultado de uma antropologia implicada, ou seja, eu entendo como antropóloga que a neutralidade não é um campo, tal como a T-shirt de um homem que eu conheci agora em agosto numa feira da reforma agrária, que dizia “neutro é shampoo de bebê”. A neutralidade não é um campo e a antropóloga que decida fazer um trabalho sobre um tema como este, de imediato as pessoas lhe perguntam, tal como na música de Pete Seeger, “Which side are you on?”, “de que lado é que você está?”. Portanto, ninguém falaria comigo, eu não ficaria em assentamento nenhum se não dissesse que sou firmemente a favor de uma reforma agrária e de um mundo mais justo e mais igualitário. Para mim o que é importante enquanto antropóloga, não é esconder aquilo que eu entendo que é um princípio básico para mim de construção própria, é usar os métodos que a minha disciplina me ensinou e levar a cabo o meu trabalho e foi isso que fiz.

Fiz um trabalho que passou por um levantamento bibliográfico, depois da minha primeira aproximação ao terreno, que foi um mero acaso em 2017, fiz leituras e pesquisa necessária antes de partir, delineei um itinerário, fiz observação direta e participante, usei fontes de várias proveniências, fiz entrevistas com guião de controlo, fiz diário e caderno de campo. Tudo aquilo que a minha disciplina me ensinou, eu apliquei. Sei também que este não é um tema muito popular nas ciências sociais, trabalhar com mulheres rebeldes e corajosas como estas Sem Terra, visto que não gostamos muito dos insubmissos, gostamos mais de vítimas. As vítimas têm melhor imprensa. Já estas mulheres enérgicas que partem para conquistar uma vida, podem não ter essa boa imprensa. Os insubmissos são, muitas vezes, enviados para o domínio do desvio, do patológico e do anormal. Ser revolucionário é uma loucura hoje! Aliás, não é por acaso que vamos começar as comemorações do 25 de abril e não se esqueçam que, muitas vezes, se fala do 25 de novembro como a normalidade democrática, fazendo parecer que até ali foi tudo anormal.

Não vejo qualquer contradição entre o rigor do trabalho científico e o compromisso com um mundo mais justo, que é o meu. Não estou nada virada para andar a fazer os meus estudos, caminhando sobre as nuvens. Quero conhecer esta realidade e recomendo-vos muito uma filósofa catalã, Marina Garcés, que é alguém que propugna precisamente esta co implicação dos investigadores nos seus projetos. Trago-vos também uma antropologia do futuro porque estas mulheres, num tempo em que andamos muito pessimistas, enchem-nos de esperança e dilatam-nos o campo das possibilidades, já que nós deixámos encurtar o nosso campo das possibilidades, sonhamos baixinho. Com este trabalho, pretendo perturbar quem lê e quem ouve porque só se o fizer é que consigo insistir na esperança.

### **As matriarcas do MST – dos seus “Sonhos Humildes” às enormes conquistas**

Vou passar então aos “sonhos humildes”, expressão cunhada por um jovem antropólogo de origem chilena, professor na Universidade Nacional Autónoma do México, chamado Raúl Contreras. Ele fala dos “sonhos humildes”, dos sonhos como os delimitamos para as nossas vidas, a humildade à nossa medida, porque grande parte de nós não sonhou vir a ser Secretário-Geral das Nações Unidas. As pessoas delineiam sonhos, as suas expectativas, em função da sua experiência. Assim, estes “sonhos humildes” são os sonhos que cada um de nós fez por concretizar, com base na sua experiência e expectativa. Para estas mulheres posso dizer-vos que ter uma casa de cimento e tijolo era um sonho e todas elas frisam, nas entrevistas, a importância que têm as casas de cimento, porque as anteriores feitas em taipa e tapadas com a palha da carnaúba, árvore símbolo do Ceará, eram casas onde os insetos entravam, nomeadamente o inseto “barbeiro”, que propaga a doença de chagas, que mata.

Muitas mulheres perderam bebés e filhos picados pelo inseto “barbeiro”. Para elas, uma casa de cimento era um sonho humilde, que puderam concretizar especialmente nos governos de Lula e Dilma, devido ao projeto “Minha Casa, Minha Vida”, que permitia receberem dinheiro para fazer as casas, que eram construídas nos assentamentos com a ajuda dos vizinhos. A concretização de uma casa é a concretização de um sonho! O antropólogo australiano Michael Taussig diz que “o cimento é para os pobres como o ouro é para os ricos” porque também passa do estado líquido ao estado sólido e o cimento muda as formas, pode ser usado para cobrir o que é imperfeito e dá estabilidade a espaços que antes não o tinham. A temática das casas de cimento fazia parte do discurso e das conversas quotidianas das mulheres. Uma delas, dizia-me “os antropólogos chegavam aqui e dizem «Ah! Vocês têm as casas de taipa e com a carnaúba, são muito bonitas!» e nós dizíamos «Venham viver para cá! Deixámos aqui a casa de taipa com cobertura de carnaúba para que as gerações futuras vejam como eram as nossas casas de indígenas, mas nós não queremos assim e nem estamos a ver as pessoas da cidade a viver nestas condições»”.

A casa é algo de fulcral e falar dos “sonhos humildes” é aquilo que vou continuar a fazer. Vamos falar de etnografias de esperança e do “esperançar” deste “mulheresale”, expressão usada pela única das entrevistadas que já morreu, Chiquinha Louvado, que não era uma mulher, era um “monumento”!

Chiquinha Louvado esteve marcada para morrer várias vezes pelos pistoleiros, mas escapou no meio de ardis, e era fantástica a inventar coisas que lhe salvaram a vida em certos momentos. Rompeu as correntes dos latifúndios em vários momentos e foi presa inúmeras vezes. Foi ela que inventou a palavra “mulheresale”, usada para se referir ao grupo de mulheres em ação. Sempre que havia uma terra abandonada ela dizia ao “mulhersale” e, portanto, lá iam.

Gosto muito deste neologismo cheio de força, creio eu! Estas mulheres perante um objetivo não atingido, nunca dizem “não conseguimos”, elas dizem sempre “ainda não conseguimos”, tanto acerca das escolas do campo, ou acerca de coisas mais práticas. Uma vez cheguei a um assentamento e quando fui à procura das mulheres, elas estavam todas a fazer sabão e diziam-me “fazemos os detergentes para as máquinas de lavar, tudo isso, mas sabes o que não nos sai bem? O sabonete, ainda não nos sai bem o sabonete. Quando lhe pomos o aroma, fica líquido.” Eu repliquei “Então, mas fica gel de banho!” e elas diziam “Não! Ainda não fizemos bem”. O “ainda não” é tanto para coisas grandes como para as coisas pequenas da vida. Creio que é importante olharmos para estas histórias num tempo em que nos falamos tanto de colapso e em que parece que o mundo está todo a ruir, em que depois da pandemia nos falamos do “novo normal”, em que nos tínhamos de confrontar com estas situações.

Para estas mulheres, o mundo não é uma condenação, é também o que hão de fazer com ele. A história não acabou e nos itinerários delas, nas coisas que contam, elas não falam de derrotas, elas falam de vitórias, que podem ser escassas, mas são vitórias, porque elas fizeram uma caminhada longa, elas não ficaram apenas a olhar para a espuma que o barco abre na água e que nos enjoa. Elas já trazem uma história longa atrás, elas sabem o que ganharam. Elas trazem aquilo que o João Cabral de Melo Neto chamava a “morte e vida severina”. Tal como neste poema, elas viram um clarão de luz que passou na terra que conseguiram ver dividida. Portanto, elas trazem itinerários em que se julgam e que se relatam sempre, mesmo em tempos duros. Em 2019, tínhamos uma conjuntura muito pouco esperançosa com o Bolsonaro no poder, mas isso para elas era uma coisa pequenina. Quando eu falei com uma mulher indígena quilombola, ela disse-me “Então, mas nós temos quinhentos anos disto! Levámos com quinhentos anos de opressão com o colonialismo. Achas que é agora o Bolsonaro que nos assusta?”. Quando perguntaram ao indígena Krenak, filósofo e antropólogo, “Isto agora vai ser complicado, não é?”, após a eleição de Bolsonaro, ele responde “Isto agora vai ser complicado para o branco. Nós índios, resistimos há quinhentos anos!”.

Os triunfos destas mulheres não são necessariamente retumbantes, mas de qualquer maneira, permitiram-lhes concretizar os seus “sonhos humildes”. Elas falam-nos, ao longo das entrevistas, das lutas que venceram, dos territórios que granjearam, da vida que conquistaram e refletem sobre batalhas que ainda têm por travar, elas mostram as suas ideias sobre o mundo e sobre a vida, elas não são só produtoras de mandioca e cenouras, elas são produtoras de ideias sobre o mundo e sobre o que há de vir, sobre o que querem para si, para a sua família e para a sociedade. Algumas, nas entrevistas, ressentem-se da penetração dos movimentos evangélicos nos assentamentos, que provocaram grandes clivagens mesmo dentro da família. Falaram, também, das novas ameaças, como os resorts turísticos, os parques eólicos, que são apresentados como o paradigma da energia limpa, mas que colocados no limite de um



assentamento podem ficar colados a casas. Em 2019, estive num assentamento que tinha visitado em 2017, e muitas mulheres tinham deixado de dormir por causa do barulho. Efetivamente, eles nos assentamentos não permitiram as eólicas, mas os proprietários cederam às empresas os sítios limítrofes, ou seja, os assentamentos podem estar cercados de torres eólicas. Portanto, esses eram novos problemas que iam surgindo. Agora no verão, estive na zona sudoeste do Ceará, do Crato, onde o grande problema era o transvase do Rio São Francisco, que tinha inundado as melhores e mais férteis terras do assentamento.

Falam também das limitações dos processos, daquilo que ainda não conseguiram, do facto de poderem ver gente das novas gerações que não queira trabalhar na agricultura, mas estão todas muito orgulhosas porque os seus filhos foram tirar cursos superiores. Muitas destas pessoas, há trinta e cinco anos, quando ocuparam os assentamentos, não sabiam ler nem escrever. Não só aprenderam a ler e a escrever, como os seus filhos, vários deles, estão a fazer doutoramentos, ou seja, elas têm a percepção do que conseguiram e conquistaram. Estou num projeto europeu chamado “Fracasso” e sou a única que trabalha a superação do fracasso, de entre cento e vinte investigadores de toda a Europa e da América Latina. Para estas mulheres, o fracasso tinha sido a vida anterior e, portanto, superaram-no, os que conseguiram outras funções, hoje fora dos assentamentos.

As escolas de campo são consideradas uma das grandes conquistas destas mulheres. Mostram também um grande orgulho precisamente em combinações que fizeram entre os assentamentos e a universidade, que levaram a coisas como, por exemplo, assentamentos completamente autossuficientes em biogás, aproveitando os dejetos das casas de banho. O assentamento mais longe de Fortaleza onde estive ficava a cerca de doze horas, no Sertão mais profundo. Nesse assentamento, ser autossuficiente em gás dá muita esperança sobre as restantes coisas. Já nem vos falo do modo de recuperar terras, de construir açudes, que são a primeira coisa que me querem mostrar quando chego a um assentamento. Para o Sertão seco, o açude é o que confere esperança.

Inovaram a vários níveis, mas os conflitos não ficam necessariamente resolvidos quando se constitui um assentamento porque o cerco às pequenas economias e às comunidades é avassalador e porque o patriarcado está há muito tempo instalado. Não tanto nos assentamentos rurais, mas nas comunas urbanas, a questão da violência patriarcal era bastante sentida, provavelmente ainda o é. Quero falar-vos de uma mulher que não cheguei a conhecer, que morreu uma semana antes de eu chegar ao Ceará, em 2017, mas toda a gente me falava dela. Jacinta Sousa era uma militante do MST, que vivia numa comuna urbana, a comuna 17 de abril no sítio São Jorge, no bairro José Walter, que é um bairro pobre da periferia de Fortaleza. Jacinta Sousa, militante do MST, confrontada com a brutalidade do patriarcado sobre as mulheres e crianças, distribuiu apitos às mulheres, para que estas utilizassem o apito aquando de violência em casa.

Apenas elas e as crianças sabiam onde os apitos estavam guardados. As casas vizinhas, que também tinham apitos, quando se apercebiam do que estava a acontecer, começavam também a apitar e iam acudir à primeira,

retiravam o agressor e diziam-lhe “se você agride a sua família, você só pode estar doente porque a família é quem nos é mais próximo. Se você está doente, tem de se ir tratar!”. Elas exigiram também uma organização a nível do município, para que houvesse serviços que garantissem que após detetado o agressor uma vez, este fosse apenas avisado, mas se voltasse, era irradiado. O MST também conseguiu, durante o governo de Lula, a copropriedade para as mulheres, para que fossem coproprietárias nos assentamentos. Por razões de violência patriarcal, os homens podiam ser expulsos. A história do apito é uma maneira simples, de lidar com um assunto complexo. Resolveu? Não inteiramente, mas garanto-vos que para as mulheres que me contaram, era um passo em frente. Dediquei o livro à memória da Jacinta Sousa porque acho que o contributo dela foi extraordinário.

Quero “inconcluir”, para vos mostrar as senhoras também. Estas mulheres circularam quando foi preciso, acamparam à beira das estradas quando foi necessário, afrontaram os proprietários e o estado, em busca de uma terra que entendem como “terra prometida”, elas demonstram que o final do caminho é só o princípio de outros caminhos. Elas também demonstram, nas entrevistas, que as mulheres e os homens continuam a viver as suas vidas a olhar para trás, a sonhar por diante, mesmo quando o presente parece sufocar. Os anos de Bolsonaro foram sufocantes, mas elas já traziam muita experiência. Foram em busca dos “sonhos humildes” que configuram objetivos supremos para as vidas.

Recomendo-vos um filme da jovem cineasta brasileira Camila de Freitas, chamado “Chão”, um filme belíssimo que começa com uma avó e um neto num acampamento, ou seja, ainda sem terra, a conversarem sobre como vão organizar o espaço da sua casa e das terras que venham a aceder quando vierem a ser assentados. O neto vai desenhado no papel e diz “Olha, avó, a nossa casa fica aqui! Aqui pomos a macaxeira, aqui podemos pôr batata, e aqui o milho!”. A avó vai dizendo sempre que sim e depois fica em silêncio e o neto diz-lhe “Então, avó, não gosta disto?”, ao que ela responde “Gosto, meu neto! Digam-me onde vai pôr as rosas!” – “Bread and Roses”. Nós sabemos isto, dos hinos que nos unem também, que unem às operárias de Massachussets em 1912: “Bread and Roses”, aquela mulher no limite da sua sobrevivência sonhava com pão, mas também sonhava com rosas.

### **As mulheres entrevistadas e as suas expressões**

É muito cedo para concluir e agora vou-vos mostrar as mulheres! De cada mulher, fui selecionando notas do meu diário de campo, que vos trago. Ora aqui temos dona Genoveva e dona Isaltina, duas irmãs do assentamento Santana do Município de Canindé. O que seleccionei destas foi: “Quem faz isso é a necessidade, é a necessidade que faz a gente”. Depois temos a dona Alexandrina, do mesmo município, que resolveu não fazer a casa junto dos outros assentados e eu não percebia porquê. A casa deles estava isolada, então íamos de jipe, cedido pelo MST, porque grande parte do trabalho de campo foi feito durante a estação das chuvas e a estrada estava num estado lastimável. Quando chegámos a casa desta senhora, deixámos o carro, eu vi a senhora e saí do carro sem olhar para trás. Estive a conversar com ela, até se

aproximar o marido e perguntei porque é que tinham feito a casa tão isolada, até porque dificulta ao acesso dos filhos à escola e a quase tudo. Ele faz um sorriso muito enigmático e perguntou “A companheira não olhou para trás, pois não?”. Eu olhei para trás, sabendo que havia algo que me faltava. Estávamos na estação das chuvas. O Sertão é incrível porque quando estamos na estação seca parece que está tudo morto, que estamos no deserto, mas basta chover uma noite e os tons de verde são uma coisa indescritível. A casa deles estava num alto de um monte e a perder de vista, tínhamos uma tonalidade de verde dos campos, que era uma coisa de tirar a respiração. Mais uma vez, precisamos do pão, mas também queremos as rosas. Para aquela família, escolher a casa ali tinha sido importante. A frase que escolhi dela é: “Foi sofrido demais, Avé Maria”.

Dona Maria Lima é mais um monumento, da comunidade Paus Brancos, do assentamento 25 de Maio, no município da Madalena. A expressão que escolhi foi: “Nós já sabíamos o que era que nós queríamos, nós precisávamos da terra”. Desde o dia que cheguei a este assentamento, estive sempre alojada na casa desta senhora. Quando cheguei ao assentamento, ao final do dia, estava a haver uma procissão. Eu tinha a indicação da casa dela, mas não tinha ninguém, só lá estava o marido dela. Perguntei por ela e ele diz-me que ela está na procissão, ouvi o som e lá fui eu. Vinha dona Maria Lima à frente da procissão e para perceber o MST é importante ter isto em consideração. Vinha com boné e bandeira do MST e Cristo. Esta senhora teve dezoito filhos, perdeu seis com fome. Ganhou seis do coração porque quase todas estas mulheres adotaram meninos de rua, filhos de catadores de lixo. Lembram-se daquela frase do Gabriel García Márquez que “O coração tem mais quartos que uma casa de putas”? Estas mulheres mostram-nos isto porque apesar das condições, continuam a adotar crianças. Estas crianças, adotou-as antes de ser assentada. “Nós já sabíamos o que era que nós queríamos. Nós precisávamos da terra”. A descrição do momento em que é ocupada esta comunidade de Paus Brancos por ela, é uma coisa impressionante. Ela diz “Cortámos o arame farpado, entrámos e depois cada família fez logo uma fogueirazinha, fizemos logo um cafezinho. Não imagina que bem que cheirava esse café! Nós estávamos a fazer café na Terra Prometida!”.

D. Socorro era do mesmo assentamento 25 de maio, mas de uma comunidade diferente da anterior. A frase que escolhi dela foi: “Não solto a mão de ninguém, porque se ficarmos sozinhos, aí nós se lasca!”.

D. Virgínia veio do assentamento mais antigo do Ceará. Quando fui a este assentamento e depois regresssei a Fortaleza, estava a viver em casa de uns colegas que me acolheram, e disse “Eu hoje fui ao Socialismo e não se está nada mal!”. O processo de relação com a terra, a criação de uma cooperativa, o não existir dinheiro a circular lá dentro, apesar de todos terem conta bancária. Acha que o dinheiro é uma coisa muito suja, então têm uma cooperativa e lá registam o que cada um vende e o que cada um compra. O dinheiro era visto como algo feio e nojento, então fica para fora. Então entre vizinhos, usar o dinheiro? Não!

D. Virgínia: quando eu cheguei usava óculos escuros, porque tinha feito uma cirurgia às cataratas e estava mal. D. Virgínia é uma mulher cheia de coragem

e a frase que selecionei dela é: “Tanta terra plana e a gente só cheia de altos e baixos”.

D. Chiquinha Louvado, foi talvez por causa desta senhora que todo este trabalho foi feito. Nunca tinha pensado trabalhar numa zona tropical, nunca! Sou uma antropóloga europeísta, sempre trabalhei na Europa, especialmente em Portugal e Espanha. Tinha feito alguns trabalhos sobre a América Latina, mas eram sobre políticas de memória. Não me imaginava a fazer trabalho de campo em assentamentos porque eu atraio tudo o que é mosquitos, sou uma grande cliente dos repelentes e nenhum funciona! Foi porque conheci a Chiquinha Louvado, por um mero acaso, que iniciei este trabalho. Fui visitar um assentamento, meti conversa com uma pessoa e esta mulher levou-me para casa dela. Foi a única das mulheres que entrevistei que já morreu. Chiquinha Louvado é um monumento! Vivia num assentamento de beira-mar, que tinha camponeses e pescadores, as pessoas são as duas coisas. Chiquinha Louvado é, então, de Lagoa do Mineiro, em Itapipoca. A frase que selecionei foi: “Aí foi muita luta, foi muito sofrimento e foi gente assassinada”.

D. Chaguinha: esta entrevista foi feita num dos sítios mais maravilhosos em que me lembro de estar, feita à beira de uma lagoa, o sítio que ela escolheu. Já tinha ido com ela para os campos, já tinha regado com ela e feito outras coisas, mas ela escolheu este sítio. Também de Lagoa do Mineiro, a frase selecionada foi: “É porque naquele tempo tinha de se envolver todo o mundo, no tempo da luta”.

Outra mulher, D. Maria Bia, do mesmo assentamento, dizia: “Esta luta não pára não”. Esta mulher, ao longo do tempo que estive lá, fez imensos tapetes com roupa velha que desfiava. Aquando disso, dava-me uma lição: “Você sabe quanto tempo demora a degradar roupa, se a roupa for deitada fora? Não devemos deitar a roupa fora!”. Eu tenho um tapete que ela me fez, que guardo com um carinho imenso, feito com restos de tudo, de toalhas, neste caso.

A entrevista de D. Maria de Jesus era para ter sido feita noutra sítio, começou a chover e viemos para o alpendre dela. Ela quis pôr a foto do marido atrás. O seu marido foi um dos que morreu na luta, que foi assassinado pelos pistoleiros, do assentamento de Melancias, também perto da beira-mar. A gente teve essa resistência de lutar, de morrer, como ele que foi um dos que tombou na luta. Este é o Cruzeiro dos Mártires que é um sítio do assentamento da Lagoa do Mineiro onde estão os nomes dos três assassinados para se poder fazer a reforma agrária.

A dona Maria Branca: esta senhora pediu-me para a chamar assim, mas mais tarde, identificou-se como Maria Moura dos Santos. Quando lhe perguntei o porquê de se ter apresentado como Maria Branca, ela respondeu “Não vê que eu sou negra e toda a gente me chamava «a Branquinha» e fiquei Maria Branca”. Com esta senhora, estive a fazer farinha, numa casa comunal. A sua frase foi: “Nós vivemos libertos, fora da escravidão, Graças a Deus”. D. Graça de Itapipoca, tem uma coragem! A história de vida dela é impressionante. Foi ela que me disse: “Lutar pela terra foi uma necessidade”.

Depois, a Cacique Pequena, ser Cacique no Brasil é ser liderança indígena. Foi a primeira mulher Cacique de todo o Brasil. Teve de se confrontar com o patriarcado dos chefes indígenas dos outros grupos. Ela é uma indígena

Jenipapo-Kanindé, tendo sido substituída por outra, por já não estar muito bem. A sua filha é a representante da cultura do novo governo do Ceará. Conhecida por Cacique Pequena, vive na Lagoa Encantada, em Aquiraz e é fantástico ouvi-la. Sempre que ela fala do Bolsonaro diz “Ah! Vai durar pouco!”, e eu dizia-lhe, “Mas as terras estão novamente em perigo”, porque as terras dos indígenas Jenipapo-Kanindé estão sob ofensiva porque ficam numa zona de beira-mar de paraíso. Apareceu lá um português, a que eles chamam “o pirata”, com um título de propriedade anterior a 1822, com um papel grilado, já que para parecer um papel velho, se segue o truque de pôr o papel numa gaveta com grilos para ficar todo amarelo. Quando eu estive lá, a luta deles era por manterem a zona de beira-mar e dizerem “Nós somos indígenas e cultivamos terra e vamos ao mar”, porque a zona de beira-mar era tão maravilhosa, que “o pirata” estava a ver se fazia ali um resort para ganhar uma fortuna. Portanto, a frase dela é: “Já vivo nesse mundo novo da modernidade, mas não deixo de ser índia!”. Ela é que decidiu onde ia ser entrevistada e quando chegou o momento da entrevista, ela diz “Espere um momento”, e vai pôr colares e o cocar, eu olho para ela quando ela chega e se põe em frente da câmara e diz-me “Você também não anda todo o dia com roupa de festa. Agora eu venho aqui representar o meu povo”.

Depois, a Cleomar, uma quilombola do quilombo de Cumbe. Os quilombos são as terras onde iam viver os escravos que fugiam. Portanto, esses lugares de refúgio são conquistas diretas. A Cleomar diz: “A questão do pertencimento é uma afirmação, faz parte de ser quilombola”. Na fase em que eu a conheci, ela estava muito desgostosa porque um dos filhos não queria assumir a sua identidade quilombola, achava desprestigiante, enquanto ela tinha muito orgulho disso.

Agora, D. Mariana, é um portento de força. Quando lhe disseram que estavam a fazer um acampamento num sítio onde havia possibilidade de haver terra a ser distribuída, disse ao marido que ficasse com os filhos mais pequenos e pôs-se com o filho de onze anos a caminhar. Quando ela me disse, mencionou em léguas e eu não consegui perceber. Disse-me que saiu de noite e chegou de noite. Ela andou uns quarenta e oito quilómetros a pé, com o menino de onze anos, até ao acampamento, mas não conseguiu terras dessa vez, só conseguiu terras da outra vez.

Esta entrevistei-a não no assentamento dela, só lá fui este verão. Eu já estava para partir em 2019 e ela tinha uma consulta marcada em Fortaleza, onde eu a entrevistei, no centro do MST. A frase que escolhi dela foi: “A ocupação da terra foi uma necessidade grande. A gente não tem comida, não tem roupa, tudo é de esmola para comer”. Finalmente, a minha querida amiga, Lurdes Vicente, uma mulher militante do MST, é sem terra, mas de momento está a viver na cidade, a concluir o doutoramento.

Lurdes Vicente vive, então, numa comuna urbana na cidade Jardim, em Fortaleza, mas continua a ter um assentamento, continua a ir lá colher a fruta e a fazer tudo o que é preciso. É também professora, agora. A vida dela mudou completamente quando passou a ter acesso a terra, tudo mudou na vida dela. A frase que escolhi é esta: “O MST é essa coletividade que impulsiona essa luta coletiva de transformação social”.

Transcrição efetuada por Rafaela Nunes